

### ***Introdução***

Este trabalho integra-se no âmbito de estudos analisados sobre inversão de predicados, mais especificamente no que se refere às estruturas qualitativas e na ideia de que há predicação também no próprio SN. Estamos perante, como afirma Brito (2003: 370) “uma maneira curiosa de modificação nominal”. Vão ser estudadas expressões como as presentes em (1) e (2):

(1) O idiota do vizinho fez muito barulho.

(2) Ele comprou aquela maravilha de carro!

Trata-se de um tema interessante e curioso para ser abordado em sintaxe, na medida em que está intimamente relacionado com outras áreas da Linguística, como a semântica e a pragmática. A expressão qualitativa é, sobretudo, característica da oralidade e transmite os mais variados significados implícitos e explícitos. As expressões qualitativas são, na maioria das vezes, usadas para transmitir juízos de valor pejorativos. Daí o título, *Insultos e Elogios*, que é baseado em outros autores (Milner, 1978; Ruwet, 1982). Os elogios, embora menos frequentes, também é possível encontrarmos alguns exemplos, como em (3) e (4).

(3) O João é uma jóia de rapaz!

(4) A Luísa é uma maravilha de criança.

Aliás, são muitas vezes os aspectos semânticos que originam as divergências entre os vários autores. Ruwet (1982: 241) apresenta a sua discordância, relativamente às características destas expressões, com Milner baseado nos aspectos semântico-pragmáticos, quando afirma: “beaucoup de leurs propriétés relèvent plutôt d’une étude sémantique ou même pragmatique.” Por isso, alguns aspectos semânticos também são contemplados no presente trabalho, embora de uma forma sucinta

Por outro lado, estamos perante um tema complexo e que oferece alguns desafios quanto à definição da estrutura do SN.

Um outro aspecto interessante é contrastar a análise dos estudos feitos para o Inglês e os estudos para o Português, verificar quais as semelhanças e diferenças, para além de analisar se os estudos existentes para as outras línguas se aplicam ao Português.

Além disso, considera-se também importante observar as possíveis semelhanças entre este tipo de construções e as denominadas pseudo- partitivas, segundo a perspectiva de Dikken (1998) e Corver (1998).

Há determinados aspectos a ter em linha de conta e a abordar quando nos referimos à Inversão de Predicados, ou mais especificamente, às expressões qualitativas. Pretendeu-se, assim, verificar se a predicação é uma componente importante dentro dos SNs, como é proposto por Dikken (1998):

Com este objectivo em mente, vão ser identificadas as características/ propriedades destas expressões, verificar qual a melhor representação sintáctica, comparar com as expressões partitivas e tecer algumas considerações de âmbito semântico.

O corpora utilizado baseia-se nos vários autores citados, uma vez que as expressões são muito semelhantes nas diferentes línguas.

### ***1. Expressões Predicativas- Propriedades***

A predicação parece ser uma componente importante dentro dos SNs. Dikken (1998), por exemplo, considera que a predicação é um conceito importante em sintaxe, talvez o mais fundamental e que pouco se tem discutido sobre o papel que a predicação tem no sintagma nominal. O objectivo do seu artigo é demonstrar que a predicação existe como “internal to constituents that have the external syntactic distribution of nominal categories.” (Dikken, 1998:177).

As expressões qualitativas mostram que a posição à esquerda do nome não é exclusiva nem dos determinantes, nem dos quantificadores ou de certos adjectivos (Brito, 2003: 369). O facto de antecederem obrigatoriamente o núcleo faz com que invertam a ordem normal e sejam, por vezes, consideradas inaceitáveis. De facto, em português há uma alteração de sentido que ocorre pela mudança de posição do adjectivo (Brito, 2003: 370).

Como se pode verificar nos exemplos (5) e (6):

(5) (a) O infeliz do homem não sabia o que fazer.

(b) O homem infeliz não sabia o que fazer.

(6) (a) O pobre rapaz

(b) O rapaz pobre.

Como se pode ver em (6) a posição do adjectivo *pobre* altera o significado da frase. Em (6) (a), a ideia é que o rapaz é digno de pena, podia ser parafraseada por “O infeliz do rapaz”. Enquanto que em (6) (b), pretendemos apenas referir-nos às condições económicas do *rapaz*. A extensão dos adjectivos foi alterada pela posição ocupada na frase. Esta situação é pertinente no Português e no Francês, o mesmo não acontecendo em Inglês, pois a posição do adjectivo é sempre à esquerda do nome.

(7) [The unfortunate] man didn't understand.

(8) [The unhappy] man couldn't stop crying.

A diferença de significado constata-se até na tradução das expressões, uma vez que a expressão nominal em (7) corresponderia à expressão que ocorre na frase (5) (a) e a (8) à (5) (b).

Também nas frases qualitativas a intensão e extensão dos nomes é alterada devido à posição do adjectivo, daí que sejam possíveis frases do tipo de (8).

(9) O simpático do João não era assim tão simpático ou prestável.

(10) O estúpido do rapaz que se atirou das rochas não era assim tão estúpido!

Dependendo da análise feita, há determinados contextos em que as frases (9) e (10) são aceitáveis, nomeadamente porque quando proferida o locutor pode estar a insinuar que foi a melhor decisão (10) ou que a pessoa não é quem parece ser (9), de acordo com o contexto. Frases como (9) e (10) fazem sentido, dependendo do nosso conhecimento do mundo (análise semântica).

A alteração da ordem é um dos factores que imediatamente se destaca a nível das expressões qualitativas. Através da posição do adjectivo é salientada uma das características do *rapaz* e transmite-se uma ideia pejorativa na frase (10). Noutras situações podíamos estar a ser irónicos, como em (11).

(11) O finório do rapaz!

Convém ainda analisar a estrutura destas expressões que em Inglês são denominadas de *N of a N*, o equivalente em português *N prep N*, como se pode verificar em (12) e (13). A própria natureza de *of* levanta alguns problemas. Enquanto que alguns autores defendem que *of* é uma preposição (Napoli, 1989), outros argumentam que é apenas um elemento de ligação (cópula) (Dikken, 1998; Corver, 1998).

- (12) A fool of a brother.
- (13) O estúpido do meu irmão chegou ontem.
- (14) That man is an idiot.

Em (12) e (13) temos a mesma construção. Há, portanto, que analisar, primeiro, se *of* em Inglês corresponde exactamente a *de*, no caso do Português; segundo, caso corresponda se se trata realmente de um elemento de ligação ou de uma preposição. Uma razão para considerar que constitui aqui um elemento cópula é o facto de a expressão poder ser parafraseada por uma frase copulativa (cf. Dikken, 1998):

- (15) The biggest fool is my brother.
- (16) O meu irmão é estúpido

Por essa razão, Dikken propõe que estamos perante uma oração pequena que é composta pelo predicado “a fool” e pelo sujeito “my brother”. De acordo com esta hipótese, a estrutura profunda, por exemplo, para a expressão (14) é a que se pode encontrar em (17):

- (17) [DP D[<sub>SC</sub> that man[<sub>Pred</sub> idiot]]]

O predicado da oração pequena é comutado para a posição do sujeito do DP. Assim, o predicado move-se para a esquerda, por aplicação da regra de Inversão de Predicados.

Apesar de haver semelhanças com as frases copulativas não é correcto afirmar que se trata meramente de uma estrutura igual às frases copulativas, pois também existem diferenças.

Obviamente, as expressões qualitativas apresentam semelhanças com as frases predicativas “invertidas”, mas esta equivalência depende do tipo semântico do predicado. Há, portanto, semelhanças, até porque é possível em alguns casos substituir estas expressões por frases copulativas, e diferenças.

A proposta de Dikken (1998) e Corver (1998) é que estas frases tenham uma estrutura das Orações Pequenas como a proposta por alguns autores para as frases copulativas (Moro, 1997; para o Português, ver Duarte, 2003).

Dikken (1998) considera que não é fácil proceder a uma análise deste género, porque não se trata apenas de uma estrutura semelhante à das copulativas e, além disso, existem algumas diferenças, daí que o autor conclua: “So, we should rather take the opposite direction and try to reduce all ‘equatives’ (and pseudoclefts) to cases of

Predicate Inversion. Predicate Inversion has turned out to be the common denominator of the constructions” (Dikken, 1984: 204).

Como já foi referido, as posições não são unânimes. Napoli (1989), por exemplo, apresenta *of* como sendo uma preposição, incluindo um nó Sintagma Preposicional. A constituição do sintagma condiciona a estrutura proposta para a divisão deste modificador do SN, como vai ser observado no ponto dois do presente trabalho.

Estas estruturas têm ainda algumas peculiaridades, nomeadamente: não permitem a elipse do sujeito (18) (19); não é possível a separação do sujeito (20); o sujeito não pode ser dominado por um quantificador (21), nem por uma expressão negativa (22) (exemplos em Inglês de Dikken, 1998).

(18) \* a crook of a politician was considered the cause of the riot to be.

(19) \* which crook of a politician do you think was the cause of the riot was the cause of?

(20) \*This politician I think the cause of the riot was the crook of

(21) \*Every problem is caused by a few crooks of a politicians

(22) \*I do not think that the cause of the riot was any crook of a politician.

Estas restrições são de ordem semântica e sintáctica, pois têm a ver com a ordem dos diferentes elementos.

Não se pode ainda trocar a ordem de  $N_1$  e  $N_2$ , nem colocar dois nomes de qualidade (cf Milner, 1978) (23). No entanto, podem desenvolver-se, sob certas condições, várias cadeias aparentemente infinitas (24), sobretudo no

Francês e no Inglês, porque estas expressões têm outras características particulares, como a recursividade (24).

A recursividade também seja possível em português com algumas expressões qualitativas (26), mas são ligeiramente diferentes do Inglês (24) e (26) .

(23) \* Ele falou com o idiota do estúpido do rapaz.

(24) a crook of a chairman of unspeakable stupidity (cf. Napoli, 1989: 220)

(25) Eu tenho uma fotografia daquele louco do carteiro.

(26) O estúpido do filho do carpinteiro estragou-me a mesa

Não podem ser modificadas por expressões de grau (27), nem por quantificadores (28).

(27) \* O muito parvo do condutor.

(28) \* Poucos parvos de condutores têm cuidado nas estradas.

Também há que ter em conta que a determinação da expressão qualitativa está dependente de factores contextuais, entre os quais a distinção entre posição predicativa e posição argumental, associada à diferença entre valor referencial e não referencial. Assim, as expressões qualitativas predicativas não podem ser definidas (29), (30), a não ser em posição argumental (33) e (34).

- (29) \* É a simpatia de uma pessoa.
- (30) É uma simpatia de pessoa.
- (31) \*Não há dúvida que é o anjo de uma criança.
- (32) É um anjo de criança.
- (33) Aquela maravilha de rapariga veio ontem.
- (34) A maravilha da rapariga veio-me visitar.
- (35) O simpático do rapaz ajudou-me.

Em posição argumental a expressão qualitativa já pode ser definida (33) e pode apresentar várias formas de determinação.

Contudo, seria agramatical utilizar o determinante indefinido numa frase idêntica à de (35).

- (36) \*Um simpático de um rapaz ajudou-me.
- (37) A nice of a young man.

Por não se tratar de uma construção de complementação, as expressões qualitativas não admitem a deslocação da segunda parte, que é, por vezes, designada de preposicional. No entanto, se fosse preposição permitiria a extracção da segunda parte, como se observa na transformação das expressões nominais partitivas (38) e (39) em (40) e (41).

- (38) O filho do pai
- (39) A perna da mesa
- (40) [De que pai] encontraste o filho?
- (41) [De que mesa] se partiu a perna?

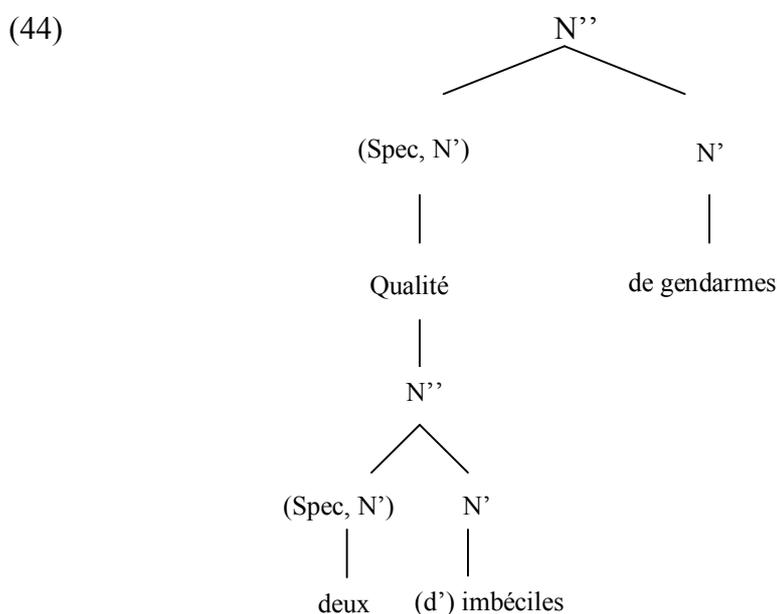
Além disso, não é possível construir interrogativas (42) e relativas (43) com a extracção da segunda parte.

- (42) \*De que filho é uma maravilha é que estavas a falar?
- (43) \*Uma criança de que uma jóia estava na sala.

Como se pode constatar, a inversão de predicados nas expressões qualitativas tem características próprias, que vão condicionar a representação sintáctica deste tipo de frases.

## 2. Representação Sintáctica

Quanto à estrutura sintáctica, as propostas também são divergentes. Milner (1978)<sup>[1]</sup> propõe que as expressões qualitativas não têm autonomia sintáctica. Assim sendo, o autor defende a existência de um único nó sintáctico. Milner propõe, por conseguinte, a estrutura presente em (44).



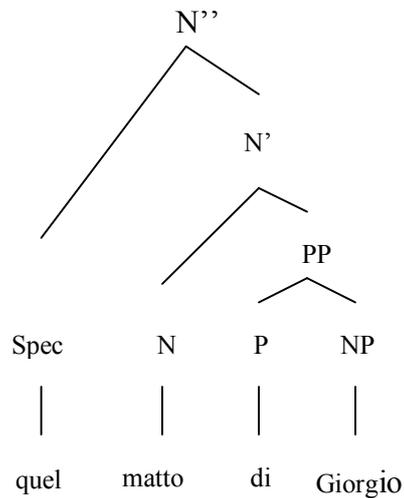
(Milner, 1978: 218)

Milner (1978) considera, ainda, que as expressões qualitativas têm uma estrutura semelhante à das quantitativas.

Napoli (1989), por outro lado, defende uma estrutura diferente que inclui um especificador, N' que se ramifica em N e SP, com base na teoria X barra. Portanto, apresenta a seguinte estrutura para o Italiano e para o Inglês.

[<sup>1</sup>] Cf Milner (1978:211) “En fait, si l’on se souvient que les Adjectifs de Qualité n’ont pas d’emploi prédicatif, il apparaît qu’ils ne peuvent être employés que dans N’’, comme modificateurs d’un nom recteur : autrement dit, ils n’ont aucune autonomie syntaxique et ne sont jamais employés isolément.”

(45)

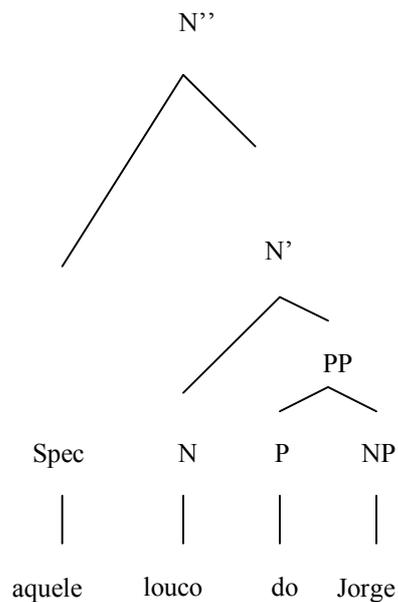


(Napoli, 1989: 174)

Napoli (1989) apresenta a sua divergência em relação a Milner (1978), mas justifica-a também com o facto de em Italiano as frases não corresponderem exactamente ao francês (cf. Napoli, 1989: 196). No entanto, adopta a mesma estrutura (45) para o Inglês.

Esta estrutura também poderia ser aplicada ao português, como se pode constatar pela estrutura de (46).

(46)



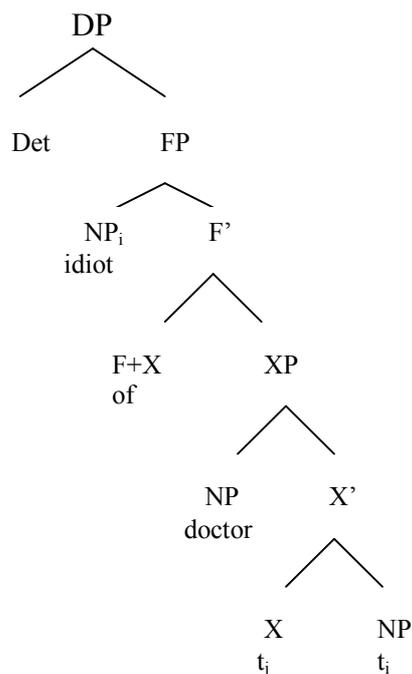
Como é possível verificar, trata-se de uma estrutura normal de complementação, que não atribui a *de* o estatuto de elemento de ligação, nem apresenta categorias funcionais para justificar a Inversão de Predicados.

Dikken (1998: 191), por um lado, já concebe uma representação sintáctica diferente porque considera que '*of*' não tem a função de uma preposição; por outro lado, adopta a hipótese de DP e finalmente considera a existência de uma oração pequena e da inversão de predicados, como se observa em (47) e (48):

(47) [DP Det[FP[Spec[Np **idiot**]<sub>i</sub>]]<sub>F</sub> F+X<sub>j</sub> (=of)]

[<sub>XP</sub>[<sub>NP</sub> doctor][<sub>X'</sub>t<sub>j</sub>[<sub>NP</sub> t<sub>i</sub>]]]]

48)



(Dikken, 1998: 191)

Trata-se de uma estrutura mais completa (48) e que assenta na teoria X- barra e numa análise parametrizada das categorias gramaticais.

Conclui-se, portanto, que os diferentes autores apresentam diferentes perspectivas para a representação sintáctica para a Inversão de Predicados.

### 3. *Relações entre as expressões qualitativas e partitiva*<sup>[2]</sup>

Segundo Corver (1998) existem semelhanças entre as expressões qualitativas e outras, como é facilmente verificável no Inglês. No entanto, a situação talvez não seja tão linear no português.

À semelhança das expressões qualitativas, as expressões partitivas têm subjacente uma relação predicativa.

(49) A cidade de Londres= Londres é uma cidade

(50) Uma porção de água= A porção é de água

Estas estruturas têm uma forma semelhante à de complementação, mas constituem formas de anteposição dos predicados dentro do sintagma nominal e, por isso, apresentam semelhanças com outras formas de modificação nominal.

[2]Corver (1998) debruça-se sobre as expressões que denomina de pseudo- partitivas, mas neste trabalho vão ser analisadas apenas as expressões que têm o mesmo tipo de estrutura das expressões qualitativas.

Corver (1998) considera que existem semelhanças entre as construções qualitativas e *partitivas*, pois ambas têm a mesma representação sintáctica de base, antes do movimento para a esquerda, da Inversão de Predicados, (51) e (52).

(51) [DP D[SC man[<sub>Pred</sub> idiot]]]

(52) [DP D [SC flowers [<sub>Pred</sub> bunch]]]

Estas frases são a prova, segundo Corver (1998), de que a predicção interna não se encontra apenas nas expressões qualitativas, também ocorre, de acordo com o autor, nas frases que expressam medida ou quantidade.

Outro argumento a favor das semelhanças entre as duas construções é o facto de *of* poder ser encarado como um elemento cópula. Embora em holandês não surja *van*, como elemento de ligação, nas expressões quantitativas.

(53) O idiota do homem= o homem é idiota.

(54) Um ramo de flores= um ramo é de flores.

Além disso, algumas das propriedades e características mencionadas inicialmente também se aplicam a esta construção, nomeadamente as seguintes:

- i) o facto de ser agramatical remover a parte *of* + N<sub>2</sub> (55), (56);
- ii) o facto de nos dois casos haver restrições de selecção entre o predicado e o verbo, quando estas expressões estão em posição predicativa (58), (60):

(55) \* Uma maravilha de O Paulo tem um carro!

(56) \*Golos de o João bebe água.

(57) O João guia uma maravilha de um carro!

(58) \*O João pedala uma maravilha de um camião!

(59) O João bebe golos de água.

(60) \*O João bebe pedaços de açúcar.

Tanto numa como noutra construção há certos adjectivos que podem ser integrados nestas estruturas em Inglês, mas menos aceitável em português pelo menos nas expressões qualitativas, como se pode observar em (62).

(61) A polite jewel of a child is hard to find.

(62) \*É difícil de encontrar uma bem educada jóia de criança.

(63) I bought a nice box of chocolates.

(64) Eu comprei uma caixa bonita de chocolates.

Nas expressões qualitativas em português é mais difícil aceitar a junção de outros adjetivos, devido à posição normal dos adjetivos ser depois do nome e isso implicaria outra inversão. No entanto, como se pode comparar com (64) nas expressões quantitativas já é possível incluir um adjetivo.

Ambas as expressões permitem recursividade, quer em, português, quer em Inglês. Embora seja mais aceitável em Inglês, pelo menos relativamente às expressões qualitativas (65), (66).

(65) that asshole of an idiot of a doctor (Corver, 1998: 232)

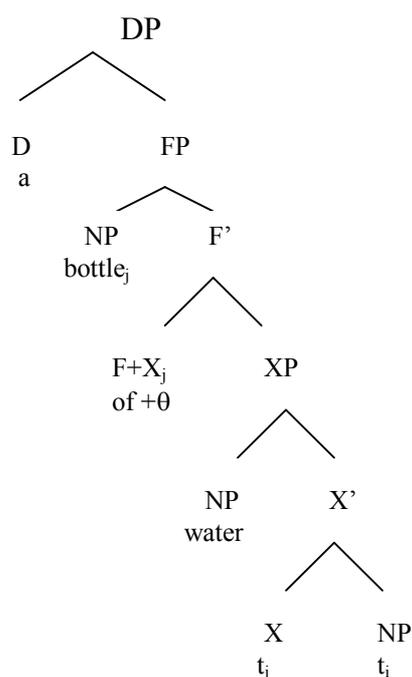
(66) Can I borrow a couple of sheets of paper? (Corver, 1998: 232)

(67) Um estúpido de um infeliz de um rapaz saltou da ponte.

(68) Emprestas-me uma porção de folhas de papel?

Portanto, como se pode verificar, existem semelhanças entre estas duas construções. No fundo, estão subjacentes os mesmos processos. A inversão de predicados aplica-se não só às expressões predicativas, mas também às construções partitivas, segundo Corver. Aspecto que se reflecte na proposta de representação sintáctica para as estruturas quantificadoras, que é semelhante à de Dikken (1998) (48) para as expressões qualitativas, segundo a perspectiva de Corver (1998).

(69)



#### 4. Aspectos Semânticos

Estas expressões são controversas, sobretudo, porque como afirma Ruwet (1982: 242) : “le caractère chargé d’affectivité et de subjectivité de ces constructions.” Daí que seja importante analisar brevemente alguns aspectos semânticos.

Um primeiro aspecto é que conforme a interpretação que se dá às frases a representação e função sintáctica dos elementos que compõem as mesmas vai variar. Um exemplo claro desta situação são as várias propostas apresentadas por Corver (1998) para a expressão “a bottle of water”. Se *bottle* não for encarada como uma quantidade, uma porção tem-se a representação (70). Para outros autores não é feita esta distinção e a representação defendida é a presente em (71).

(70) [NP <sup>a</sup>[N<sup>’</sup> bottle[pp of[NP water]]]]. (cf Corver, 1998: 218)

(71) [DP <sup>a</sup>[NP bottle[pp of water]]]. (cf Corver, 1998: 218) [3]

Algumas das combinações entre o nome qualitativo e o núcleo não podem ser efectuadas até por questões relacionadas com a intensão e extensão das palavras, como é o caso de (72).

(72) \* A Hitler of a man!

Outras expressões são ainda expressões metafóricas previamente estabelecidas (73), (74).

(73) One hell of a story!

(74) A hell of a whale!

(75) A pearl of a sister!

(76) Um paz de alma!

(77) Uma situação dos diabos!

(78) Uma flor de rapariga.

---

[3] Nesta representação Corver cita Abney (1987), não é a sua perspectiva.

Nas expressões (73), (74), (75) e (76) temos primeiro o nome como sendo um nome qualitativo. As expressões referidas apresentam diferenças em relação às inicialmente mencionadas que eram constituídas por um adjectivo. Embora tenham uma estrutura semelhante são expressões com valor metafórico.

Portanto, há que encarar estas expressões como portadoras de significado próprio, pois exprimem um juízo de valor, uma opinião.

## **5. Conclusão**

Em suma, estas expressões apresentam muitos aspectos controversos e que constituem pontos de divergência entre os vários autores. No entanto, há determinados aspectos que parecem ser consensuais.

Primeiro, é inegável que estas expressões são casos de predicação dentro do SN, pois não só restringem, limitam a denotação ou a extensão de um nome, mas predicam e qualificam o nome. Segundo, regem-se pelas regras de Inversão de Predicados e não é possível separar N1 de N2, pois formam um todo.

Para além de existirem semelhanças entre estas expressões e as expressões quantitativas e as frases copulativas, sobretudo nos mecanismos porque se regem, por exemplo, no que se refere à existência de Orações Pequenas.

A maior divisão consiste nas funções sintácticas a atribuir a cada um dos elementos, o que conduz a diferentes representações sintácticas.

São sobretudo expressões utilizadas na oralidade e têm subjacente uma intenção pragmática; consoante o contexto e a expressão utilizada pretende-se insultar ou elogiar.

(79) Aquela beleza de canção está no top!

A frase pode realmente ser uma manifestação de apreço, mas também pode ser irónica e pejorativa. Talvez, por isso, estas expressões sejam mais exploradas noutras áreas que não a sintaxe, pelo menos no português.

Por outro lado, é impressionante como a estrutura é, na maior parte das vezes, a mesma no Francês, no Inglês, no Italiano e em Português. Com efeito, é possível aplicar as mesmas estruturas, as mesmas análises, havendo,

apenas, pequenas distinções, nomeadamente o facto de no Inglês ser permitido por vezes eliminar *of* (81), o mesmo não sendo possível em português (83).

(80) That madman of John.

(81) That madman John.

(82) Aquele louco do João.

(83) \* Aquele louco João.

Em conclusão, há muitos aspectos a ter em conta na análise das expressões qualitativas, que implicam Inversão de Predicados, nomeadamente a selecção da teoria de predicação mais correcta e adequada. Além disso, é interessante identificar as semelhanças entre estas expressões e outras, tais como as partitivas e as frases copulativas.

Face ao exposto, conclui-se que uma abordagem destas expressões é complexa e que as propostas dos vários autores são, na maioria das vezes, divergentes, consoante a perspectiva teórica adoptada.

### ***Referências Bibliográficas***

BRITO, Ana Maria. 2003. «Categorias Sintácticas». Mateus, Maria Helena *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho, Lisboa, pp. 325-432.

CORVER, Norbert. 1998. «Predicate Movement in Pseudopartitive Constructions». Alexiadou, Artemis e Wilder, Chris. *Possessives, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. John Benjamin Publishing Company, Amsterdam, pp 215-257.

DEN DIKKEN, Marcel. 1998. «Predicate Inversion». Alexiadou, Artemis e Wilder, Chris. *Possessives, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. John Benjamin Publishing Company, Amsterdam, pp 177-214.

MILNER, Jean- Claude. 1978. *De la Syntaxe à l'interprétation*. Paris, Éditions du Seuil.

MORO, Andrea. 1997. *The raising of Predicates. Predicative noun phrases and the theory of clause structure*. Cambridge, CUP.

NAPOLI, Donna Jo. 1989. *Predication Theory. A Case of Study for Indexing Theory*. Cambridge, CUP.

RUWET, Nicolas. 1982. *Grammaire des insultes et autres Études*. Paris, Éditions du Seuil.